

1 Introdução

Desde o início da Igreja Católica, em determinados períodos, emergem novos movimentos que renovam o modo de a instituição atuar na sociedade e faz, também, com que ela se renove interiormente, reveja conceitos e estratégias para continuar na sua principal função que é a de evangelizar. Esses movimentos, que a Igreja afirma serem constituídos de um Carisma, ou seja, dons dado por Deus para a humanidade, têm formado o corpo de sustentação dela nos dois milênios de oficialização da religião católica. O Documento Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na abertura do texto, afirma que:

A Igreja Católica recebeu do Senhor Jesus a promessa de estar com ela até o final dos tempos (cf. Mt 28,20). Ela, Corpo de Cristo e Templo do Espírito, é uma realidade inserida na história e na sociedade. É o Espírito Santo que a conduz nesse caminho e sua ação se faz sentir sempre e sobremaneira em épocas de grandes crises e transformações que repercutem dentro do seu corpo eclesial. Para manter viva a Igreja, o Espírito a enriquece com dons e carismas que estão na origem e no dinamismo de seus ministérios e serviços, como também dos movimentos eclesiais e das novas comunidades¹.

No período da Idade Média, a sociedade ocidental era marcada pela presença da religiosidade em todas as esferas. Não havia uma separação entre Igreja-Estado-Sociedade. A religião era o grande elo que unificava o povo. O Cristianismo era a religião oficial do Império Romano e, depois, de todos os países que se desmembraram dele. A religião Católica norteava a vida das pessoas e do próprio Estado, influenciando na rotina, nos costumes, na educação, na ética e na moral dos povos. Durkheim (1989) relata que, na Idade Média, o homem conciliava a fé, a ciência e a filosofia, a tal ponto que o mundo “sobrenatural” não era visto como algo extraordinário, mas presente no cotidiano. O que, para o autor, não representa que o homem deste período não fosse um ser racional, mas que tinham um modo diferente de perceber o mundo pela lente da razão. Razão e fé se complementavam, não eram opostas.

¹ CNBB. **Igreja Particular, movimentos eclesiais e novas comunidades**. São Paulo: Paulinas, 2005, p.7 (Subsídios doutrinários da CNBB 3).

Com a ascensão da modernidade, surgiram novos valores e novas mentalidades que passaram a nortear a sociedade e, em contrapartida, a questionar a religião e a atuação desta na sociedade. A Revolução Industrial, a Revolução Francesa, o Iluminismo e a Reforma Protestante foram alguns dos principais responsáveis pela nova concepção de sociedade, que passou a cultivar valores como o individualismo, o racionalismo, o materialismo. A religião Católica perdeu o “monopólio da cosmovisão” (Bingemer, 2012), não mais influenciando nas realidades sociais ou comportamentais. Os conceitos do que seria sagrado e profano passaram a ser questionados e reconfigurados. A sociedade passou a viver um acelerado processo de secularização que gerou a progressiva “morte” do sagrado na vida cotidiana, em que setores da sociedade e da cultura foram subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos e, conseqüentemente, a atividade religiosa dos membros de qualquer sistema religioso não interferiu mais no andamento da sociedade e ficou restrita ao indivíduo (Berger, 1985).

O avanço da ciência e da tecnologia fez com que o homem moderno deixasse Deus de lado e assumisse o centro da história e das decisões. A partir de então, era papel da ciência explicar os fenômenos e nortear o pensamento das pessoas. A tecnocracia foi instalada nas sociedades ocidentais, que passaram a criar continuamente conhecimentos tecnológicos e científicos e, através deles, novos produtos e serviços. A tecnocracia reforçou também a ideia do homem como centro, que tinha o poder de decidir e dirigir o mundo, em vista do progresso, do avanço tecnológico, da quebra de barreiras intransponíveis, de uma mudança total de valores e comportamentos apoiados na ciência e na tecnologia.

Com o crescimento na produção industrial, foi necessário um mercado que adquirisse esses produtos. Para isso, surgiram os meios de comunicação de massa, instrumentos importantes para implantar uma nova cultura de massas e, assim, estimular o consumo dos novos produtos, serviços e mentalidades da sociedade burguesa industrial crescente (Morin, 1977). Nasceu, portanto, uma sociedade industrial e de consumo. A religião tradicional foi substituída pelas novas religiões do indivíduo moderno: a felicidade, o consumo, a tecnologia e a ciência. Ainda conforme Morin (1969), a cultura de massas, passou a estabelecer modelos perfeitos a serem alcançados em todos os domínios da vida humana, criando mitos

de felicidade e de necessidades que passaram a ser buscados pelas pessoas. Se antes a realização pessoal e a felicidade estavam no plano da transcendência, com a cultura de massas elas deveriam ser alcançadas no tempo presente e terreno.

Os novos valores incitados pela modernidade trouxeram consigo, também, um quadro de incertezas e realizações frustradas, que levou a sociedade ao mergulho em um vazio existencial. Com isso, abriu-se uma brecha para um novo retorno ao sagrado. Na crise da modernidade, antigas ideologias caíram por terra. Surgiram novos modelos de pessoas, mais voltadas para a subjetividade, que rejeitavam aquela figura de ser humano racionalizado, criada pela modernidade, e passaram a reivindicar valores ligados à esfera da afetividade, da gratuidade e da contemplação (Bingemer, 2012). Com o colapso das utopias e o desaparecimento de certas ideologias, o ser humano começou a buscar experiências que dessem sentido à sua vida.

O processo de retorno à fé e à religiosidade não significou um retorno à religião. A descrença nas religiões tradicionais, resquícios da modernidade, propiciou o surgimento de novos movimentos e tendências religiosas de forte cunho subjetivo. Essas novas formas de experiências religiosas, mais centradas na escolha da pessoa, na satisfação pessoal, privilegiando a experiência emocional e, muitas das vezes, sem relação com alguma instituição religiosa é uma tendência observada na sociedade. O pluralismo religioso passou a marcar fortemente a sociedade do final do século XX e início do XXI e reconfigurou a experiência da pessoa com o sagrado, com a transcendência.

Nesse contexto, surgem os Novos Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades, denominações religiosas da Igreja Católica. Nascidos na Renovação Carismática, a maioria, elas se expandiram pelo país, principalmente por causa da mídia e da ação missionária. Esses novos movimentos e comunidades valorizam a experiência subjetiva e emocional. Porém, o diferencial está na prática dentro da instituição, que tem como principal fundamento unir novamente às pessoas à tradição e aos ensinamentos do Evangelho de acordo com a doutrina da Igreja Católica.

Apesar da queda no percentual de católicos no Brasil, a população católica continua numericamente alta e representa ainda a maior religião do país. A

presença do catolicismo popular, simbolizada especialmente pelos centros de romarias e práticas devocionais tradicionais, ainda é forte e atuante, principalmente entre os adultos e idosos. Mas nota-se, com o crescimento das novas comunidades, que mesclam o caráter neopentecostal e o tradicional, que milhares de pessoas, especialmente os jovens, têm sido atraídas para essas novas modalidades associativas.

As Novas Comunidades surgiram nas últimas décadas do século XX. Formadas por leigos, apesar da presença de religiosos e sacerdotes em muitas delas, uma das grandes características dessas agregações está na missionariedade, marcada pela evangelização com novos métodos e expressões, em especial o uso dos meios de comunicação e das artes. Outros pontos característicos são a busca pela conversão e por uma vivência radical da fé, marcada pela vida diária de oração, vivência doutrinal, mudança de vida e engajamento no movimento; e a identidade católica, acentuada pelo forte sentimento de pertença e serviço à Igreja. As Novas Comunidades são uma das esperanças da Igreja Católica aos desafios da modernidade que a instituição enfrenta.

No Brasil, o fenômeno das novas comunidades cresce a cada dia. Dois dos principais movimentos da atualidade, na Igreja, surgiram no país: a Comunidade Católica Shalom e a Comunidade Canção Nova. Por meio, principalmente, dos veículos de comunicação, elas realizam um trabalho de evangelização que tem atraído milhares de pessoas de volta à Igreja Católica. Com rápida expansão pelo Brasil e no exterior, a Shalom e a Canção Nova têm o reconhecimento da Santa Sé e autonomia para realizar ações de evangelização que têm proporcionado uma renovação na linguagem e no modo de atuar da instituição. Ao utilizar os elementos da modernidade (apelo ao subjetivismo, uso dos meios de comunicação, escolha individual do seguimento, etc), a Shalom e a Canção Nova conseguiram um papel destacado no quadro dos novos fenômenos religiosos.

Segundo J.P. Barruel de Lagenest (1976, p. 16-17), o fenômeno religioso é o conjunto de atos por meio dos quais os membros desse grupo manifestam sua dependência em relação às forças invisíveis. Todo fenômeno religioso exprime uma experiência religiosa individual e coletiva: individual na medida em que determinada pessoa participa da vida e do conjunto de atitudes de um grupo

religioso e, assim, expressa suas crenças; e social, na medida em que a vida religiosa de determinado grupo participa da integração ou desintegração da sociedade global.

Neste trabalho, pretendemos abordar o surgimento das Novas Comunidades na Igreja Católica e o papel delas na evangelização pelos meios de comunicação de massa. Diversos documentos da Igreja Católica falam da importância de apropriar-se de veículos, como rádio, televisão, cinema e impresso, para propagar a palavra da Igreja e atingir o coração do homem de hoje que, muitas vezes, desconfia ou rejeita a mensagem religiosa de instituições tradicionais. Para a Igreja Católica, os veículos de comunicação devem estar a serviço da dignidade humana, da verdade e dos valores que promovam a justiça, a família e a paz. O anúncio explícito da mensagem de Cristo deve ser levado, de maneira atraente e criativa, para o homem moderno, sem distinção nem discriminação.

Pretendemos mostrar o papel que as Novas Comunidades desempenham na modernidade diante dos novos valores da sociedade e do pluralismo religioso. A questão que será analisada é: será que elas desempenham a missão de evangelizar pelos meios de comunicação? Será que os veículos de comunicação dessas comunidades conseguem passar uma mensagem atrativa e inovadora, capaz de atrair novamente as pessoas a essa nova modalidade religiosa?

Para isso percorreremos um itinerário que inicia com uma breve análise do processo de secularização da sociedade a partir da Idade Média. No primeiro capítulo, pontuamos alguns fatores que influenciaram essa nova maneira de formular a sociedade e aceleraram a perda do sagrado nos diversos espaços sociais.

No segundo capítulo, traçamos um histórico com os principais fatos que marcaram o surgimento do Cristianismo e dos principais carismas dentro da Igreja Católica. Traçamos um pequeno perfil das principais ordens religiosas fundadas ao longo da história da Igreja, desde a primeira, a Ordem de São Bento, no século V, até o último movimento de grande expressão mundial que surgiu antes do Concílio Vaticano II, o Movimento dos Focolares. Pela impossibilidade de tratar de todos os Carismas, principalmente pela grande quantidade deles, restringimos-nos a quatro instituições (beneditinos, franciscanos, jesuítas e Focolares). O

contexto histórico da fundação das Ordens Religiosas foi determinante na escolha das congregações e do movimento dos Focolares.

No terceiro capítulo, iremos falar dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, centrando principalmente na espiritualidade e atuação dessas novas modalidades religiosas. Fundadas na Igreja após o Concílio Vaticano II, elas foram adjetivadas de “primavera da Igreja” e “resposta providencial do Espírito” pelos papas João Paulo II e Bento XVI.

No quarto capítulo, vamos abordar a Comunidade Shalom e a Canção Nova. Nascidas no Brasil e de influência carismática, elas são as duas principais e maiores comunidades do Brasil. Estão em quase todas as capitais do país e no exterior. A influência delas na sociedade cresce a cada ano, atraindo católicos praticantes e não praticantes para uma nova experiência religiosa, baseada na vida comunitária e no uso dos dons carismáticos. Os jovens são a principal faixa de atuação e de evangelização dos dois grupos. Para isso, tanto a Canção Nova como a Shalom fazem uso dos meios de comunicação e de projetos artísticos (música, dança, teatro) para atrair os jovens e evangelizá-los. Outro diferencial está na organização em comunidades de vida e aliança, formas diferenciadas de vivenciar o movimento, constituídas por membros leigos consagrados.

No quinto capítulo, faremos uma análise da eficácia dos meios de comunicação da Comunidade Canção Nova e da Shalom para a evangelização. Se a base da evangelização está no anúncio da mensagem e da pessoa de Jesus Cristo àqueles que não a conhecem ou não praticam a religião católica, iremos analisar se essas comunidades desempenham a função ao qual se propõem. Para isso, primeiro falaremos sobre a Cultura de Massas e o papel que ela exerce na formação de mentalidade e na secularização da sociedade, principalmente pelos meios de comunicação de massa. Em seguida, traçaremos um breve perfil sobre o rádio. O rádio ainda é a forma preferencial de evangelização, tanto por causa dos baixos custos como pelo poder de penetração na sociedade. Por fim, iremos analisar os programas Tempo de Viver, da Rádio Shalom 690 AM, e Tarde Especial, da Canção Nova FM, veiculados semanalmente às tardes.

Por ser um tema bastante abrangente (Modernidade, Carismas, Secularização, Novas Comunidades, Comunicação de Massa), nosso objetivo não

é esgotar o assunto, mas iniciar uma discussão sobre esses elementos. Nosso foco principal são as Novas Comunidades, um fenômeno ainda pouco estudado e analisado, e a utilização e eficácia dos meios de comunicação para o projeto de evangelização desses grupos, em uma sociedade em constante transformação. Entre os desafios para este estudo, é importante ressaltar a falta de bibliografia referente às Novas Comunidades e aos veículos de comunicação deles. Esperamos que, a partir deste trabalho, possamos posteriormente aprofundar mais o debate sobre essas novas modalidades. Não pretendemos estabelecer juízos de valor sobre a atuação e a eficácia dessas Novas Comunidades. Porém, diante de um cenário milenar construído pela Igreja Católica, e a partir da constatação dos fenômenos religiosos que são as Novas Comunidades, perceber os novos rumos que a instituição trilha neste novo milênio.

Como afirma Luis Correa Lima (2001)², “a sociedade e a Igreja são dinâmicas, e, aos que creem, o Espírito de Deus está vivo e atua na história”.

² Lima, L.C. A Igreja e a descriminalização da Homossexualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, 2001, v. 71, p. 468-472. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/artigos-professor/A%20Igreja%20e%20a%20Descriminaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20Homossexualidade.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2014.